

MULTICULTURALISMO E VISÕES DE MUNDO

MULTICULTURALISM AND WORLD'S VISIONS

Cezar Luís Seibt¹

SEIBT, C. L. Multiculturalismo e visões de mundo. **Akrópolis** Umuarama, v. 17, n. 2, p. 91-99, abr./jun. 2009.

RESUMO: O artigo busca ler as questões trazidas pela convivência cada vez maior entre diversas culturas, partindo do conceito 'visões de mundo' de Karl Jaspers. Multiculturalismo tem a ver com visões de mundo, nas quais a diversidade é organizada em uma unidade, em uma totalidade que garante identidade e segurança para as pessoas e grupos. A reflexão nos ajuda a entender, então, o que acontece no encontro intercultural, quando conteúdos e formas de vida diferentes alcançam as diversas diversidades.

PALAVRAS-CHAVE: Multiculturalismo; Visões de mundo; Cultura; Karl Jaspers.

ABSTRACT: The article intends to read the issues arouse by the increasing condition of diverse cultures living together – from Karl Jaspers' concept of 'world's visions'. Multiculturalism is related to the world's visions, in which diversity is assigned into unity, in a totality guaranteeing identity and safety to people and groups. This consideration thus helps us to understand what happens in the intercultural encounters, when different contents and life forms meet varied diversities.

KEYWORDS: Multiculturalism; World visions; Culture; Karl Jaspers.

¹Professor Assistente UFPA campus Cametá
-Graduação: Ciências Religiosas, Filosofia,
Psicologia. Mestre em Filosofia, Doutorando
em Filosofia.

Recebido em dezembro/2008
Aceito em março/2009

INTRODUÇÃO

Hoje estamos em contato com diversidades, convivemos com outros pensamentos, outros costumes, e isso cada vez mais. Por isso também é importante uma reflexão sobre o tema. Talvez uma problemática mais urgente para países onde o fluxo migratório seja grande, mas também fundamental para todos nós, visto que a diversidade não chega somente através da presença física de outras pessoas ou grupos, mas também e, sobretudo, através de informações e instituições (religiosas, políticas, educacionais, econômicas) que se difundem cada vez mais por todos os países. O diferente está, portanto, à nossa porta. Convivemos com a diversidade que, há alguns anos, não tinha se constituído como problema.

Não é simples, no entanto, tomar posição diante da complexidade e variedade dos fatores envolvidos, mas procuraremos, ao menos, apresentar alguns elementos da questão e tomar consciência de uma situação que não pode ser ignorada na relação entre culturas e indivíduos.

Faremos nossa reflexão, sobretudo, a partir do fenômeno das “visões de mundo”, que é condição para a formação de grupos, comunidades e culturas. No encontro cultural se dá exatamente o encontro e confronto de visões de mundo. Utilizaremos principalmente as contribuições de Karl Jaspers no livro *Psicologia das Visões de Mundo*, focando o aspecto de que essas visões constroem e unificam comunidades e culturas. As discussões atuais são, com certeza, muito mais amplas, mas optamos por explorar esta relação, visto que ela não é muito frequente na reflexão dos estudiosos.

MULTICULTURALISMO

Estamos num mundo onde há certas demandas urgentes e, entre elas, a de discutir mas, sobretudo, a de conviver com a multiplicidade, em todos os níveis culturais.

Não podemos mais considerar nosso próprio espaço e tempo como o único espaço e tempo possíveis. Visões de mundo e suas conseqüentes práticas estão acessíveis, explícita ou implicitamente, a todas as pessoas. Vivemos numa aldeia global e não estamos mais protegidos contra outros modos de vida, outras visões de mundo. Morin dirá que o

[...] mundo se encontra cada vez mais uno e cada vez mais particularizado, digamos, cortado em pedaços. Uno no sentido de que cada parte do mundo faz parte cada vez mais do mundo em sua globalidade. E que o mundo em sua globalidade

encontra-se dentro de cada parte (2001, p. 46).

Tanto o indivíduo como o grupo participam de uma totalidade global no acesso a bens produzidos em qualquer parte do mundo, ou a informações sobre qualquer parte do todo. Isso provoca sérios dilemas pessoais e sociais. O indivíduo possivelmente não se estrutura somente a partir de um único modelo cultural, cujos conhecimentos são coesos, coerentes e garantem a continuidade das tradições culturais de um determinado povo. Na sua formação, cada ser humano se encontra, desde o início, exposto a uma variedade muito grande de informações, muitas vezes até contraditórias. Social ou politicamente também não é possível que se ignore essa diversidade e se torna necessário estabelecer políticas que contemplem a multiplicidade de culturas que cada vez mais tem de dividir o mesmo espaço. Essas políticas se caracterizam por dois extremos possíveis: perda da identidade, através da submissão a uma outra cultura ou o rechaço e isolamento total. Ianni diz que “desde que se intensificam e generalizam as relações, os processos e as estruturas que constituem a globalização, logo se manifestam as articulações e as tensões relativas às diversidades e desigualdades raciais” (2002, p. 161).

Mas, com essa convivência de múltiplas culturas e raças, muitas questões também se tornam importantes: como conservar identidades culturais de povos, nações ou minorias? Pode uma cultura, em nome de seus valores, julgar e subjugar outra? Quando se pode intervir em alguma cultura? Como conciliar globalização com respeito às múltiplas culturas? Como fica a educação nesse processo? Como permitir que minorias (os mais fracos) possam conquistar espaço e respeito diante de uma cultura mais forte? É possível conviver e tolerar o outro no meu grupo? Como normatizar essa convivência? Como manter a identidade cultural em meio à diferença? Como não perder valores culturais, tradições ricas de grupos para culturas mais fortes (fortes no sentido de que têm meios de dominação mais eficazes)? Levantam-se também questões como a migração e naturalização, defesa cultural, financiamento de grupos, direitos de participar politicamente, leis antidiscriminatórias, direitos civis e outras.

Em geral somos levados a pensar o multiculturalismo como um problema em que estão envolvidos povos ou nações. No entanto, as hegemonias deixaram de existir também dentro de pequenas comunidades até pouco tempo totalmente coesas. Numa mesma comunidade encontramos diversos grupos religiosos, que, inclusive, se combatem entre si; os partidos políticos se desenvolvem através da

afirmação prévia da necessária 'maldade' e má vontade do 'outro', que é um adversário. Não podemos mais fugir da aproximação cultural propiciada pelos meios de comunicação e pelos instrumentos tecnológicos que encurtam o espaço e o tempo.

Talvez seja necessário abandonar o modelo do ter razão ou não, que sempre supõe um critério objetivo de julgamento, e abrir-se para um modo de convivência no qual a tolerância e a autonomia individual e grupal sejam postos acima do particular. Isso com certeza não é fácil, visto que a identidade sempre se formou pela oposição, em geral um tanto violenta.

Em todo caso, não há como não reconhecer a variedade e a diferença. Essa variedade e diferença pode ser encarada como um empecilho ou como uma riqueza para todos. Mas isso supõe, é claro, uma nova postura diante da multiplicidade, do outro, da diferença. O que é diferente não poderá mais ser encarado simplesmente como oposição, como mau, como aquilo que deve ser combatido, mas exigirá capacidade de diálogo muito superior ao que estamos habituados. Dialogar com o igual é fácil e não muda muita coisa (ou nada), o que já não acontece com o diferente, que exige um novo 'ouvido', um escutar a partir de um espaço talvez mais neutro. Isso também não pode significar um sacrifício de tudo que é próprio de cada povo, de cada cultura. Não há como não conviver, não há como evitar que o diferente penetre nas culturas mesmo tradicionais, mas isso também não pode significar a extinção da diversidade e da individualidade das culturas.

Uma das razões apresentadas para o surgimento da filosofia entre os gregos é isso que agora acontece em nível planetário. O encontro com a diversidade possibilitou que compreensões, visões de mundo, valores que aos poucos se enrijeceram, se cristalizaram e se dogmatizaram numa determinada cultura, pudessem se tornar novamente questionáveis e abrir, assim, novas possibilidades para o pensamento. Esse é certamente, um dos lados positivos da diversidade cultural: ela nos leva a desconfiar da fixidez das nossas crenças, valores e cultura e nos obriga a buscar novos fundamentos e, talvez, novos modos de organizar nosso mundo, não sem sofrimentos e lutas.

Isso provavelmente nem sempre acontece, como quando uma cultura se mantém sempre e a priori como a melhor e que se vê na obrigação e no direito de civilizar os outros que são bárbaros, e que, por princípio, segundo julgam os civilizados, tem uma cultura inferior. Sabemos que isso aconteceu ao longo da história e continua acontecendo hoje, de forma mais ou menos mascarada.

Mas cabe agora perguntar e definir o que seria mesmo multiculturalismo. Roberto Fernandez (1999), em um artigo, diz que, em geral, esse conceito tem uma conotação positiva, mas também há a possibilidade de que haja uma negativa. Consideramos essa definição rica e a reproduzimos aqui.

Positivamente, multiculturalismo refere-se à

[...] coexistência enriquecedora de diversos pontos de vista, interpretações, visões, atitudes, provenientes de diferentes bagagens culturais. O termo serve de etiqueta para uma posição intelectual aberta e flexível, baseada no respeito desta diversidade e na rejeição de todo preconceito ou hierarquia. As várias óticas devem ser consideradas em pé de igualdade; afirmações ou construções teóricas só podem ser julgadas em relação ao ponto de vista cultural. Não tem sentido falar de contradição, só de diferença. Não tem sentido falar de verdade tout court, só de verdade para um determinado grupo cultural. O multiculturalismo apregoa uma visão caleidoscópica da vida e da fertilidade do espírito humano, na qual cada indivíduo transcende o marco estreito da sua própria formação cultural e é capaz de ver, sentir e interpretar por meio de outras apreciações culturais. O modelo humano resultante é tolerante, compreensivo, amplo, sensível e fundamentalmente rico: a capacidade interpretativa, de observação e até emotiva, se multiplica (FERNANDEZ, 1999, 84).

Já do ponto de vista negativo, o multiculturalismo se caracteriza por uma situação oposta àquela descrita anteriormente. Nela acontece, segundo o mesmo autor, uma tendência ao "fechamento ou bloqueio cultural, à falta de vontade, ou capacidade para transcender os limites de sistemas construídos, ignorando o que acontece além de seus muros, à potencial criação de um modelo humano incompleto, limitado, estreito e fundamentalmente pobre" (FERNANDEZ, 1999, P. 84).

Tendo agora presente a problemática apresentada, nos deteremos na explicitação do que seria uma visão de mundo e as implicações disso para a questão do multiculturalismo.

VISÕES DE MUNDO (WELTANSCHAUUNGEN)

Quando se fala de multiculturalismo estamos lidando com "visões de mundo" diferentes, que se aproximam, que se encontram e precisam aprender a dialogar, precisam conseguir estabelecer um relacionamento que possibilite a vida humana, a convivência das pessoas. Isso porque sabemos que as pessoas morrem e matam em função de visões de mundo pessoais e grupais. Isso acontece, sobretudo, por causa da identificação que acontece, por parte de cada ser humano, com grupos e ideologias. A identi-

dade de cada ser humano está ligada a um grupo, a uma ideologia e, portanto, a uma determinada visão de mundo. O encontro 'imaturo', digamos assim, das visões de mundo facilmente provoca conflitos e mal-entendidos.

É fundamental compreender o que é que acontece no encontro multicultural. O que é isso que se encontra quando culturas e visões diferentes se aproximam? Esse elemento é um problema e, ao mesmo tempo, uma explicação para o problema do multiculturalismo e precisa ser refletido, melhor compreendido e solucionado. Sugerimos que isso que se confronta no encontro entre as diversidades são visões de mundo, algumas delas com ênfase maior no elemento religioso, outras no político, econômico, social ou outro. Aproveitaremos as contribuições de Jaspers, não como visão definitiva sobre o assunto, mas como ponto de apoio para a consideração do problema. Obviamente que esse autor não está interessado na questão do multiculturalismo como a conhecemos hoje, mas suas compreensões podem iluminar o que nos preocupa atualmente.

Esse autor, Karl Jaspers, publica em 1919 uma volumosa obra que intitula "Psicologia das visões de mundo", na qual trata das visões de mundo que habitam o ser humano ou, podemos também dizer, nas quais o homem habita. Cada ser humano está inserido em uma determinada visão de mundo, da qual ele bebe modos de comportamento e compreensão, e cuja visão ele também reconstrói dentro de si, com matizes especiais e subjetivos que, digamos assim, o determinam a partir de dentro na interpretação de si mesmo e do mundo.

Jaspers (1967) diz que "concepção de mundo" é algo total e universal (um saber como totalidade, como cosmos). Mas não é só um saber, pois inclui também valorações, conformação com a vida, destino, hierarquia vivida dos valores. De um ponto de vista subjetivo, é vivência, força e reflexão e, objetivamente, é o mundo conformado externamente. Podemos dizer que é um espaço onde o indivíduo se sente seguro, espaço que a filosofia sempre lhe deu de alguma forma, através da indicação de sentido, significado e estabelecendo quadros de valores válidos como normas. Dito de outro modo, as concepções de mundo são os horizontes extremos, últimas forças, os limites dentro dos quais acontece, para nossa visão atual, a vida anímica.

As atitudes e imagens do mundo são abstrações que separam o que, em geral, está junto, que tratam como elementos autônomos o que tem existência somente em serviço ou como fenômenos de força. Nós concebemos as concepções de mundo mais profundamente quando pergunta-

mos acerca dessas forças, para que e a partir das quais aqueles elementos se juntam para formar totalidades. (...) Aquelas forças, como tais, são na vida da alma as totalidades das quais, em primeiro lugar, são abstraídos artificialmente aqueles elementos que em si não tem nenhuma existência independente (JASPERS, 1967, p. 289).

Não se pode dizer que as concepções de mundo sejam vãs, inúteis, mesmo que pareçam e às vezes até sejam falsas, absurdas e enganosas. Segundo Jaspers (1967), a alma humana tem uma conformação que se expressa em tais idéias. O ser humano vive e alenta em si algo de modo que aquela objetivação do viver e alentar sejam reconhecidos como expressão adequada, como revelação e como algo natural. E não sabemos com clareza qual a concepção de mundo que em geral (ou sempre) nos impulsiona, nos move e nem sua origem: pode ser oriunda da própria experiência pessoal, dos conflitos com a realidade; ou ter sido obtida através da convivência, que leva à assimilação do originariamente estranho, das experiências dos outros; pode provir do espírito de uma época; e também pode ser fruto de alguma sistematização filosófica, psicológica, teológica, tal como a de Kant, Hegel, Cristianismo, Budismo e outras.

As coisas são por si mesmas pluridimensionais, mas nós as ordenamos em cada momento, de forma unidimensional. Mesmo tendo muitos centros, nós as organizamos a partir de um e, enquanto são concretas e infinitas, as ordenamos até se tornarem abstratas e finitas. O mesmo fazemos com a compreensão que temos do ser humano, apesar de não conseguirmos referir todos os fenômenos deste a um único centro. No compreender teórico, formamos necessariamente esquemas, até porque um todo só pode ser compreendido teoricamente com a ajuda de um sistema. Cada indivíduo obtém sua determinabilidade e significação porque é comparado e posto em relação.

Aí reside um problema para a própria sistematização: fazê-lo sem deixar que predomine nenhum esquema, ou que este seja somente meio, instrumento. Podemos ser presas do nosso modo de relação e, dessa forma determinados, não alcançar inclusive compreensão da nossa própria prisão.

Toda existência é compreensiva, concreta, assim como também toda concepção de mundo que lhe é proporcionada o é. Esta nunca pode ser, por esta razão, "verdadeira" e "absoluta" como as formas intemporais, mas é em todo tempo vivida potencialmente como superável já em cada forma da existência e na atitude para com os limites. O homem não pode receber de fora a concepção verdadeira

do mundo, em todas as partes e para sempre, senão somente experimentá-la em sua vida em virtude das idéias e do espírito em que as realiza.

Jaspers (1967) diz que há, na visão de mundo do indivíduo, um centro intuitivo em torno do qual se agrupam outras possibilidades aparentadas com ele, mas atrofiadas. Chamou esse centro da concepção de mundo de “substancial” e em torno dele colocou as formas “derivadas”. Identificou também quatro pontos de vista em função dos quais se poderia determinar o lugar da concepção de mundo: autenticidade, formalização, diferenciação e absolutização.

É fundamental compreender que vivemos permanentemente em envolturas e o horizonte supremo de nossa imagem de mundo o temos de forma totalmente involuntária e como algo absoluto. Involuntariamente tomamos essa imagem de mundo pelo todo. O que está além, não o vemos, porque nem sequer o presumimos. Estamos involuntariamente inclinados a sempre aceitar o próprio saber, a própria imagem de mundo como existente também nos outros e a supor também neles a envoltura que para nós é natural.

Dessa forma, a imagem de mundo é sempre uma perspectiva pessoal ou grupal, uma envoltura que pode ser generalizada. Pode-se superar o risco de tomar a própria imagem de mundo pela totalidade de forma teórica, mas só em escassa medida. Contemplada enquanto sistema, a imagem de mundo pessoal se torna perspectivista em relação à geral. Frente à imagem geral aparecem imagens de mundo pessoais, locais, condicionadas pelo tempo, características de cada povo.

Vivemos primeiramente o eu como centro do mundo, como o central e mais importante para nós. E todas e cada uma das coisas têm para sempre, junto às relações em si, em um mundo distante, objetivo, também suas relações especiais com o eu particular quando é assimilado em sua imagem de mundo. (...) Assim, o próprio pensar é a norma absoluta, as próprias valorações são afirmadas e sentidas como dirigidas aos valores absolutos, os próprios interesses identificados com os interesses objetivos e gerais da humanidade. Em lugar de um conhecimento do mundo natural, conseguimos sempre somente ver o mundo através de lentes de maior ou menor visibilidade (JASPERS, 1967, p. 195).

Isso que Jaspers aqui diz do indivíduo serve também para um grupo, uma determinada cultura. Neste trecho o autor também salienta aquilo que já dissemos acima: visão de mundo não é algo com que nos defrontamos simplesmente externamente, que está diante de nós, mas algo que constitui nossa pró-

pria identidade.

Ainda de acordo com Jaspers (1967), a imagem do mundo pode ser algo vivido, que não é formulado ou conhecido objetivamente, mas que tem eficácia na vida (vivido, mas não conhecido). Pode também ser o mundo objetivado, do qual se tem consciência e com o qual se está envolvido (é conhecido e vivido). Outra possibilidade é a de um mundo meramente conhecido, não vivido, que é psicologicamente pouco eficaz, não representa nada vivo, não é experimentado, não foi feito algo próprio. Esses três modos se encontram juntos no indivíduo, penetrando-se e alternando-se mutuamente.

Na imagem de mundo do meramente conhecido não há vida, não chega a ser concreta, não envolve coração e ânimo. Em lugar do mundo vivido (vivente) pode aparecer um esquema, uma mera forma. Por ela, acontece uma petrificação e um cegamento como única forma de perceber. Ao invés de perceber, viver intuitivamente, percebe-se somente através de esquemas, que podem inclusive aparentar vida e dinamismo. Pode, no entanto, chegar a acontecer que uma imagem de mundo meramente conhecida chegue a provocar um processo de vivência, de despertar. O que inicialmente é formal se consoma em vida, o que é sabido se torna impulso e base para a experiência.

Não se pode esquecer que, enquanto há uma imagem de mundo ordenada, dirigida e que ordena e dirige a vida do indivíduo, há também, de outra parte, uma massa caótica de conteúdos que não necessariamente chegam a tomar parte na totalidade. Esse trânsito entre o indivíduo e o todo (o geral) é o vivente em processo de diferenciação. Assim, em diferenciação constante e crescente, a imagem de mundo se desenvolve como um todo e determina a compreensão de cada objeto individual. O caminho conduz a uma síntese de todas as dissociações sujeito-objeto, através da idéia de infinito, até uma nova unidade. “A imagem de mundo está inacabada, termina com direções, idéias e intenções; não é, todavia, o todo, mas caminha em direção a ele. O infinito é o que abarca tudo, no qual está encerrada toda imagem de mundo formada que, como forma, só pode ser finita” (JASPERS, 1967, p. 202). O fato de ela estar inconclusa permite que a envoltura não seja firme e os pensamentos não sejam petrificados. As imagens não estão acabadas, fechadas, mas estão em curso, são eternamente fragmento, não consumadas como totalidade. “São, apesar de toda forma e de todos os limites que tenham em si, enquanto totalidades, carentes de forma, de figura, meras idéias” (JASPERS, 1967, p. 202). Isso mostra que o ponto de vista pessoal (e também grupal, mas provavelmente com maior difi-

culdade, nos parece) pode chegar a ser novamente objeto de análise e de um novo conhecimento, sobretudo quando acontece o confronto com o diverso, no choque de culturas, na convivência multicultural que hoje é inevitável.

Jaspers estabelece também três formas de imagem do mundo (prototípicas, digamos assim), que sistematizou e apresentou no capítulo II, mas que não nos interessam para o presente trabalho. Destacamos somente que, quando o mundo pessoal é confrontado com o mundo do outro e do estranho, o estranho em geral não é compreendido e é referido a motivos e fins do próprio mundo (mundo do sujeito), e é considerado como procedente da má vontade. No encontro com o mundo do outro e do estranho há o diferenciar, conceber e comparar. Nesse caso, pode emergir a consciência de algo distinto dos destinos, vivências e organizações pessoais. Sem perder a si mesmo, como o imediato que assimila o estranho, antes se afirmando e comparando-se, o espírito humano pode abrir-se para o estranho, para vê-lo e ampliar sua imagem de mundo para além da própria realidade e experiência. Abre-se para a riqueza de conteúdos da cultura humana. Dessa forma, o homem descobre que há ilimitadas possibilidades de vivência e conteúdos de cultura.

Mas, podemos também nos perguntar o que faz com que uma cultura (uma visão de mundo) se torne tão importante para a pessoa e para os grupos. É provável que, em qualquer lugar, o homem se sintasse seguro nela. Ela está presente imediatamente para ele, contrapondo-se ao caos de imagens e conteúdos que desmoronam. Com isso, cada parte está no todo, o todo tem uma significação e nada particular tem significação absoluta.

Encontramos o fato de que determinadas formas políticas se servem de teorias legitimistas de raça, história, trabalho, para ver reconhecido o próprio poder e justificar o exercício de autoridade. Há um impulso de poder que se serve das visões de mundo para obter superioridade pelo engenho e profundidade da argumentação, valorizando a si mesmo. Assim, o costume, a imitação, a submissão à autoridade são processos que permitem aceitar uma determinada concepção de mundo, sem que ela tenha tido suas fontes na existência do próprio indivíduo.

Não avançaremos mais nas contribuições de Jaspers. Acharmos que as principais contribuições até o momento relatadas nos ajudarão a refletir melhor esse fenômeno complexo com o qual nos deparamos hoje mais do que nunca, denominado de multiculturalismo.

MULTICULTURALISMO E GLOBALIZAÇÃO

Todos nos preocupamos e discutimos as consequências da globalização, no modo como hoje ela se dá, sobretudo animada pelas novas tecnologias de comunicação e informação. Tempo e espaço encurtaram e continuam encurtando significativamente. O mundo está interligado, informações são acessíveis rapidamente e sem controle, o que põe em choque, muitas vezes, as gerações dos adultos em relação aos jovens e crianças.

Essa convivência com o diferente e o acesso às mais diversas informações vai criando uma sociedade multiétnica, pondo em confronto as mais diversas ideologias, culturas e conceitos. A mudança na percepção do espaço e do tempo, aproximando o distante e nos levando ao distante, muda significativamente a relação com os 'outros', através da ampliação das possibilidades de contato com modos diferentes de vida.

Surge assim, de acordo com Holgónsi (2007), uma dialética entre o global e o local. Neste mundo, o outro não pode mais ser tratado como um inerte. O não reconhecimento do outro, dos seus direitos, tem dado espaço para a xenofobia e o racismo, as guerras étnicas, a segregação e a discriminação baseadas na raça, na idade, na etnia, nas questões sexuais, de gênero ou na classe social, resultando em alto grau de violência.

Diz ainda o citado autor que

em um contexto de 'relações sociais intensificadas', o multiculturalismo é a nova cultura do espaço global, uma cultura dinâmica que se refaz com e através dos fluxos globalizantes, modificando e reconstruindo as interações e colocando como desafio a conciliação de uma diversidade de costumes, concepções e valores, sem o perigo de se excluir as formas diferentes de se manifestar" (HOLGONSI, 2007).

Há a possibilidade de dois tipos de multiculturalismo, de acordo com Holgónsi. Um deles de cunho conservador, que busca conciliar diferenças com base no mito da harmonia. "Esta construção ideológica nega que as relações entre as comunidades pós-modernas sejam marcadas por antagonismos e conflitos, reiterando os estereótipos e estigmas que recaem sobre as chamadas 'minorias' (que, às vezes, tornam-se majorias), e coloca-nos frente a uma concepção estática de cultura" (HOLGONSI, 2007). Neste caso, o multiculturalismo encoraja o crescimento da tolerância, mas tolerar não significa aqui acolher, não significa envolvimento ativo com o outro. Tolerância, é reconhecimento simplificado do outro, é

reforço do sentimento de superioridade e significa suportar a existência dele e de seu pensamento e ação diferentes.

Por outro lado, há também o multiculturalismo crítico (que pode ser chamado de revolucionário, emancipatório ou contra-hegemônico), “o qual, tendo por base a política cultural da diferença, questiona o monoculturalismo, evidencia as contradições sócio-culturais, fazendo vir à tona as diferenças e as ausências de muitas vozes que foram caladas pelas metanarrativas da modernidade” (HOLGONSI, 2007). Este tipo de multiculturalismo rejeita todo preconceito e hierarquia e se baseia no respeito ao ponto de vista, às interpretações e atitudes do outro, constituindo-se uma fonte de possibilidades de transformação e de criação cultural. Neste caso, encontramos um entendimento dinâmico de cultura. Esta, a cultura, deixa de ser um conjunto de características rígidas transmitidas de geração em geração, e passa a ser uma elaboração coletiva, que se reconstrói a partir de relações entre diferentes visões de mundo. A diversidade cultural oferece, portanto, uma riqueza de elementos que vai contribuir para a construção das culturas.

Para o multiculturalismo crítico, o reconhecimento do outro tem uma importância e um significado complexo e profundo. As formas alternativas de vida (pessoas e culturas) se tornam objeto de interesse, mesmo para quem vive fora delas. Nessa forma de convivência e de respeito pelo diferente, não se pode admitir o uso da força, da violência ou da dominação. O que se admite é o diálogo, o reconhecimento e a negociação das diferenças. Neste caso, diante do reconhecimento da autenticidade do outro, estamos preparados para ouvir e debater suas opiniões e ideias, e vice-versa.

O autor acentua, e isso é perceptível hoje, que os pequenos grupos dispõem de maior possibilidade de expressão, mas isso não significa que não haja ainda certa hegemonia de algum paradigma ou grupo. Ainda hoje, minorias são consideradas culturas modelares, ou paradigmas modelares, tais como o homem branco, rico e heterossexual. Os que estão fora ainda são considerados ‘minorias’, enfrentando discriminações ou, no máximo, sendo tolerados.

Necessária a aprendizagem para a convivência, o que significa o desenvolvimento de habilidades pessoais que permitam a aproximação e não o afastamento do outro, efetivando-se isso, sobretudo, através do interesse, da escuta, do diálogo, da empatia por outras formas de vida, já que, na globalização pós-moderna, o envolvimento com a diferença tornou-se um pré-requisito da vida democrática. A habilidade do indivíduo para lidar com o outro é fundamental e isso implica uma compreensão do fenômeno e uma rela-

tivização de posturas pessoais e grupais. Passa pelo reconhecimento das contingências de cada modo cultural, da historicidade das construções humanas e da sua condição não-absoluta.

Essa nova condição multicultural implica em mudanças no processo educacional, principalmente na capacitação para a convivência com a diversidade, para um autêntico envolvimento e respeito para com o outro ‘diferente’. A condução política dessa situação também merece atenção, atentando para as mudanças que devem acontecer em termos de direitos e deveres mútuos, possibilitando o reconhecimento do outro como um alguém, mesmo vivendo de forma diferente, acreditando em coisas diferentes, tendo seus cultos próprios, seu modo de vestir, seus mitos e suas esperanças.

Com certeza, isso envolve uma negociação política e social muito complexa e que, necessariamente, passa pela flexibilização dos indivíduos. Afinal, o grupo não existe por si mesmo, mas é o conjunto dos indivíduos, que são os sujeitos da ação inclusiva ou exclusiva.

Diversas das teorias que trabalham com o multiculturalismo o fazem com a idéia de que é necessário aceitar e manejar a diversidade mediante a tolerância mútua. Isto implica a subordinação das crenças individuais (inclusive religiões devem subordinar suas doutrinas, já que não se pode sustentar razoavelmente um dogma) ao princípio da tolerância. Este deve se colocar acima das diversas crenças e ser um regulador destas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto do multiculturalismo, o problema das visões do mundo é intrigante e instigante. É algo digno de reflexão o fato de que, pessoas diferentes, num mesmo momento, conseguem acreditar com um grau elevado de certeza em coisas diferentes e até opostas, e lutar por elas. Quem tem a verdade, a realidade? Há a verdade como posse efetiva de uma realidade? O que faz com que cheguemos a dar a vida por algo de que estamos convencidos? O que faz com que pensemos que o nosso modo de viver e encarar a realidade é o melhor, o verdadeiro, e condenemos os outros, evitemos a aproximação com o diferente? Em geral, não permitimos um exame mais profundo das nossas convicções porque as damos, a priori, como certas. O método socrático se torna um perigo, quando podemos chegar a perguntar pelos fundamentos das nossas convicções e não sabemos se eles existem (talvez já saibamos que não os temos e por isso nos fechamos). Poder-se-ia perguntar também se o que dá essa unidade e certeza à concep-

ção do mundo é só o elemento racional, ou haveria talvez algo como o afeto com tal poder unificador? O que, afinal, sustenta as concepções, as certezas individuais e coletivas? Por que há pessoas e grupos mais intransigentes do que outros, em termos de manutenção de sua visão do mundo? Há visões mais fixas e rígidas do que outras? Há visões “melhores” e “piores”, ou que permitem viver com menor ou maior sofrimento? Como saber se uma determinada cultura é danosa e deve, por isso, sofrer algum tipo de intervenção? Todas são questões que merecem reflexão e uma busca contínua. Mas não podemos nos estender aqui.

Em todo caso, precisamos, de algum modo, estabelecer um contorno para as nossas experiências pessoais e coletivas. Não temos condições de compreender algo, sem que se estabeleçam algumas referências, mesmo que subjetivas. Recebemos da tradição a forma como o mundo foi organizado pelos nossos antepassados, às vezes até, de forma contraditória. Mas essas formas permitiram a organização das experiências por eles vividas e nós as reconstruímos internamente, incluindo nossas experiências pessoais. Com isso formamos uma totalidade mais ou menos coerente que torna cosmos o caos.

As visões do mundo são como que o “a priori,” com o qual lidamos em todas as nossas operações mentais e práticas. Não é um a priori inato, um transcendental absoluto, mas é a condição de possibilidade da organização dos conteúdos e julgamentos que fazemos, condicionado pelas circunstâncias históricas, culturais e pessoais vividas.

O problema se evidencia quando somos incapazes de perceber que o nosso modo de ver, de organizar, de compreender é ‘um’ dos modos possíveis. Ele é organizado, construído a partir de pressupostos que poderiam ser outros. Em geral vivemos como se não houvesse nenhum problema na nossa relação compreensiva com o mundo, como se fosse evidente que as coisas sejam assim como as vemos e dizemos, ou seja, embotamos a nossa capacidade de pensamento. Somos capazes de re-produzir o já produzido, re-conhecer o já conhecido, mas incapazes de encontrar o novo, o diferente, o que acontece, e é de outro modo, porque já estabelecemos com anterioridade o que é e o que não é. Aliás, essa é a função que a concepção de mundo exerce, se ela não puder ser problematizada através da intromissão de alguma surpresa, de algo imprevisível e inexplicável pelo modo ordenado de explicar. Uma possível intromissão é o que se dá na aproximação das diversas culturas.

Todas as nossas concepções de mundo, sejam elas religiosas, míticas, científicas, filosóficas

cumprem papel importante na vida, enquanto organizam nossas relações de conhecimento e nos permitem consolo e uma certa tranquilidade. Com frequência convivem visões inconciliáveis sob algum aspecto, mas solúveis através de uma setorização da vida, o que aconteceu, sobretudo com a modernidade, quando se perdeu a estrutura externa teológica que conseguia fornecer uma unidade estável entre todos os conhecimentos. A partir daí, áreas diferentes da vida, com pontos fundamentais diferentes, convivem em espaços e tempos diferentes, no mesmo indivíduo e sociedade.

Não podemos, nos parece, prescindir do fato de que nos movemos dentro de certos modos estáveis, mas não totalmente impenetráveis. Recebemos elementos externos que se opõem às nossas totalidades explicativas. A realidade apresenta constantemente resistências às visões e possibilita, por isso, uma progressiva transformação dos ‘paradigmas’ que nos conduzem.

Aliás, hoje é impossível proteger uma determinada cultura (visão de mundo) do confronto com elementos alheios, com culturas diferentes, concepções e modos de viver diversos. Assim, cada cultura acaba fazendo certa assimilação e sendo também assimilada por outra, em pelo menos alguns aspectos.

Mas a questão fundamental é a da capacidade para conviver com essa diversidade que divide entre si praticamente o mesmo espaço físico. Tolerância seria a melhor atitude? Tolerar, no entanto, soa como sendo a última alternativa, diante da impossibilidade de a situação ser diferente. Talvez seja necessário que sejamos capazes de crescer na capacidade de conviver com a beleza da diversidade, respeitando o ‘outro’, deixando-o ser, mas mantendo elementos fundamentais da própria identidade cultural.

Há também um problema multicultural que acontece no próprio meio acadêmico e que põe em oposição cientistas e humanistas. Essa oposição, pelo menos, nos mostra a dificuldade da convivência de diferentes visões de mundo (ciência e humanismo) e que é preciso um tratamento ‘dialogico’. O diálogo supõe uma disposição, uma abertura que não esteja carregada de preconceitos. É uma atitude pessoal que pode criar condições para a empatia, necessária para a convivência harmoniosa e enriquecedora na multiplicidade.

REFERÊNCIAS

FERNÁNDEZ, R. Multiculturalismo intelectual. **Revista USP**, São Paulo, n. 42, p. 84-95, 1999.

HOLGONSI, S. G. S. **Multiculturalismo**: tolerância ou respeito pelo Outro? Disponível em: <<http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/multicultura.html>>. Acesso em: 07 maio, 2007.

IANNI, O. **A era do globalismo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

JASPERS, K. **Psicología de las concepciones del mundo**. Madrid: Gredos, 1967.

MORIN, E. **As duas globalizações**: comunicação e complexidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

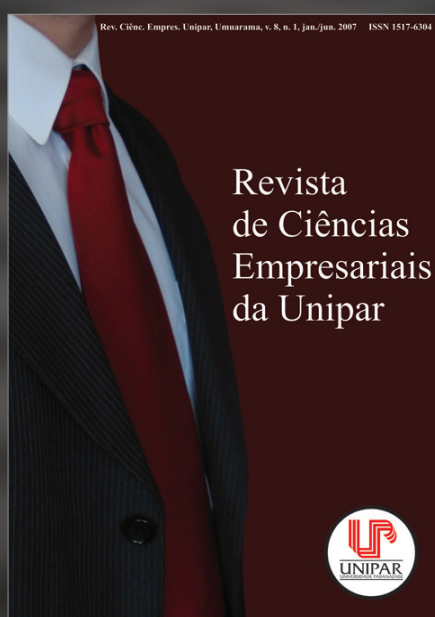
MULTICULTURALISMO Y VISIONES DE MUNDO

RESUMEN: El artículo busca leer las cuestiones planteadas por la convivencia entre las diferentes culturas, partiendo del concepto de 'visiones de mundo' de Karl Jaspers. El multiculturalismo tiene que ver con visiones de mundo, en las que la diversidad es organizada en una unidad, en una totalidad que garantiza identidad y seguridad para personas y grupos. La reflexión nos ayuda a entender, entonces, lo que ocurre en el encuentro intercultural, cuando contenidos y diferentes formas de vida llegan a las distintas diversidades.

PALABRAS CLAVE: Multiculturalismo; Visiones de mundo; Cultura; Karl Jaspers.

Arquivos de Ciências Empresariais da Unipar

ISSN 1517-6304



- **Publica trabalhos referentes às áreas de Ciências Contábeis, Administração e Economia.**
- **Periodicidade: Semestral**
- **e-mail: rcempresariais@unipar.br
<http://revistas.unipar.br/empresarial>**

O CONHECIMENTO NÃO É NADA SE NÃO FOR COMPARTILHADO

